

FAMÍLIAS RECOMPOSTAS. BREVE ANÁLISE DO PROCESSO DE DISSOLUÇÃO/RECOMPOSIÇÃO DO CASAL E DO COMPORTAMENTO DOS FILHOS.

Edna Bittelbrunn¹

Resumo: o texto a seguir tem como objeto a família, na especificidade das famílias recompostas; a leitura foi realizada com base na teoria Psicanalítica com contribuições da Sociologia. Tem como objetivo discutir aspectos que permeiam o processo da recomposição familiar e lugar dos novos membros nessa configuração familiar; tem como objetivo específico incrementar o debate da tipologia de família contemporânea, chamadas de recompostas. Algumas pesquisas têm apontado para crescimento do número de divórcio e de novas uniões, que podem causar certa instabilidade nos filhos quando da mudança e negligência de cuidados parentais, outras refletem que quando a união já se encontra conturbada a separação e o recasamento podem qualificar a relação pais e filhos, otimizando laços familiares.

Palavras-Chave: Famílias recompostas. Padrastos e madrastas.

INTRODUÇÃO

Este artigo se apresenta como um recorte da minha tese doutoral em andamento, intitulada: *Começar de novo*. A (de) negação da relação família recomposta e a escola da Universidade Do Estado da Bahia, entrelaçado com meus estudos no Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representação Social (GEPPE_RS).

No intuito de tentar perceber um novo movimento das famílias no seu dinamismo, talvez com maior visibilidade na contemporaneidade, inicio com a discussão de parte do título discutindo os laços entre enteados e madrastas e padrastos que ora são os pais substitutos ora não são legitimados para ocupar esse papel.

A singularidade da interpretação em cada casal, em cada família recomposta deve ser analisada, por exemplo: de que maneira coube a dissolução dos laços originais para o recomposto, em que idade se encontram os enteados filhos, se existem co-irmãos, como

¹ Psicóloga. Mestra em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica do Salvador-UCSAL, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB Especialista em Violência Doméstica pela Universidade de São Paulo. USP. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisadora do GEPPE-RS (Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representação Social - UNEB).

ocorreu o tempo de adaptação (se houve) dos novos membros da família aos que já estavam e muitas outras questões.

Quanto aos novos pares do casal, nos recasamentos um referencial de criatividade e plasticidade da família recomposta é presenciado nos nomes dados as figuras que simbolizam os namorados/maridos/esposas. Podemos observar que com os recasamentos novas nomenclaturas para quem ocupa lugares de madrastas/ padrastos são construídas, principalmente para desmistificar o conceito que atravessam séculos nos contos infantis, onde essas figuras são ameaçadoras, desqualificadas para estabelecerem vínculos de cuidados.

Nesta linha de conceituação, há certo grau de rejeição pelos estereótipos da mídia e dos contos de fadas frente ao nome de madrastas e padrastos, porque, às vezes, observa-se a influência negativa dessas figuras, como nas histórias infantis da Branca de Neve e os sete anões, da Cinderela, João e Maria, nas quais a relação pais e enteados são marcados por atitudes cruéis, resultando em situações de angústia dos enteados. Corso (2006) relata que:

Nos contos de fada madrasta é sinônimo de mãe má, a ela são reservados os papéis de inveja, da colocação de entraves para que a menina se torne uma mulher (Cinderela) ou ainda, em sua versão mais mortífera do ódio assassino (Branca de neve). P.111.

Quando os contos de fadas perpassam séculos e permanecem na atualidade presentes, podemos desconfiar que a formação de preconceitos quanto a figuras de mães não biológicas é ainda bastante acentuada.

A respeito dessa construção de significados e nomenclatura podemos observar que a ideia, por exemplo, de madrasta má corresponde a um conceito de família como uma instituição biológica, naturalista; onde elementos não consanguíneos ameaçariam “esse equilíbrio”, assim seriam indesejáveis, mal conceituados (WATARAI, 2010). Observando que estudando família na contemporaneidade há sempre uma tensão entre os laços sociais e consanguinidade, principalmente quando saímos dos espaços acadêmicos, apesar do vasto campo de pesquisa discutindo a parentalidade, os pais sociais, a validação pela jurisprudência dos laços não consanguíneos (adoção) e outros, a questão não é tranquila nem se esgota.

No movimento social da dinâmica familiar no intuito de retirar conceitos negativos da nomenclatura, surgem: boadrasta, mãe-drasta, mãe-cover, pai-drasto, pai-cover, mãe emprestada, pai do coração, mãe/pai postiço (a); há outras invenções pessoais como chamá-los de meia-mãe, segundo (a) pai/mãe, três quartos de pai, pais de plástico (na Suécia) e mãe

bonita/pai bonito na França (belle-mère e beau-père). Algumas filhas/filhos chamam seus novos pais de tio/tia evocando algum vínculo familiar ou ainda o contrário, para caracterizar o não laço, chama do namorado (a) da mãe/pai, mulher do pai, marido da mãe. (CENEIDE e OLIVEIRA, 2010; RABINOVICH e MOREIRA, 2011; MAXEINER E KUHL, 2013). Sabendo-se que tais nomes serão evocados na relação que se formará com o (a) enteado (a), é ele que irá qualificar tal vínculo estabelecendo outro nome para a madrasta/padrasto.

A nova constituição do núcleo familiar, com padrasto/madrastos ou figuras de importância primordial no processo de desenvolvimento, estão sendo consideradas pelo ambiente escolar onde essa criança/adolescente frequenta? Como os professores pensam essas famílias diferenciadas da nuclear? O debate teórico se propõe a ressignificar o lugar da família na escola, pelas vozes dos professores e mães advindas de famílias recompostas (pesquisa empírica) e resgate de algumas pesquisas em que os professores não observando a qualidade das relações sugerem que a família nuclear ocupa um modelo idealizado, talvez único a ser considerado.

Os homens/ pais estão revendo seus papéis, seja de uma participação efetiva na educação dos filhos, na divisão de tarefas e provenção financeira do lar. No imaginário social há resquícios de idealização da família, através da configuração nuclear. Os professores também querem um pai biológico disposto, com horários adequados as reuniões e encontros. Amplio essa discussão no Mestrado em que realizei descrições sobre a diversidade da paternidade na dissertação intitulada: *Paternidade Solitária. Limites e Possibilidades*.

Os pais pesquisados na dissertação² ocupavam/acumulavam as funções que poderiam ser divididas com as mães, madrastas ou outras mulheres na rede de cuidados. Os pais, participantes da pesquisa, ocuparam o lugar de protagonistas na situação de cuidador seja por situação de morte, separação, exigência ou negociação, os filhos ficariam sob a guarda paterna; os pais atuavam sozinhos, sem a presença do feminino no entorno dos aspectos que incluem amplitude da educação e criação de filhos..

Assim, neste texto será discutido o processo de o recasamento, a separação, o que pode ou não afetar a criança e o que a escola pode realizar como suporte ou não. Essa transição para o recasamento, e o próprio, é o que pretendo também analisar. Tendo a

² Na dissertação de mestrado trago essa nova constituição do pai contemporâneo, em “Paternidade solitária: Limites e Possibilidades”; defendida pela Universidade Católica(SSA.Ba) em agosto de 2008, nesta podemos observar as mudanças ocorridas neste papel e encontramos as declarações de pais desejosos da aproximação na educação- orientação de seus filhos por prazer e não por imposição.

complexidade de entrelaçar as famílias recompostas com percepções da educação formal no ambiente escolar.

O tema que permeia a especificidade de famílias recompostas tem como enlace as diferentes configurações familiares na contemporaneidade. As amarras que ficam e se formam a partir da existência de diferentes componentes das famílias de origem e a nova não são tão postas e conclusivas assim. Ao começar pela expansão e diversidade do conceito de família.

Conceituar a família não é tarefa simples, há uma dificuldade declarada em não se admitir um único conceito, dificuldade esta traduzidas pelas diversas estruturas e configurações, pelas relações intra geracionais que esta abriga, pela divisão de papéis de gênero, pelas diferentes formas de maternidade, paternidade, filiação e parentesco, etc.

Mesmo nessa diversidade de leituras sobre a família; podemos caracterizá-la por dois aspectos: conjugalidade e parentalidade. Esses dois constructos podem ser utilizados para caracterizar a família frente a outros grupos socializadores.

Tendo em vista a pluralidade de conjunções, referenciar a família limitando a uma tipologia ou modelo já é uma premissa descartada pelos teóricos. Quando se analisa família, temos que levar em conta toda mobilidade, dinamismo da sociedade e de seus atores sociais.

As mudanças familiares podem ser entendidas como formas de família em diferentes momentos históricos e não um apenas de um modelo uniforme e universal nuclear. (BRUSCHINI, 2000; JACQUET & COSTA, 2004; MOREIRA & RABINOVICH, 2011).

FAMILIAS RECOMPOSTAS, sua formação e dinamismo.

Dentre os diferentes/novos arranjos familiares podemos citar as famílias recompostas, o termo recebe outras nomeações como: reconstituídas, recasadas, famílias mosaicos, famílias misturadas, em inglês *step families*, ainda encontramos refeita, reorganizada, reestruturada, mista, simultânea, sinérgica, combinada, binuclear, enfim várias nomenclaturas e não podemos dizer que esses termos são todos os que se referem a essa tipologia familiar. (CERVENY e OLIVEIRA, 2010; WATARAI, 2010; PEREIRA & LINARES, 2002).

Os autores acima citados observam a grande prevalência do prefixo “re”, que com auxílio de dicionário Houaiss da Língua Portuguesa remete a ideia de repetição, recomeço, mudança de status e ao mesmo tempo pode indicar recuo, volta, os termos são diversos, mas a

ideia da condição de reestrutura não é bem aceita pela dificuldade de análise interna da relação que sucedeu, questionam, por exemplo, o termo reconstituído, pois: *”quem a reconstituiu?”* antes caberia saber da situação de destruição? Como se explicaria a reconstituição se isso realmente ocorresse? São fenômenos que não podemos validar frente somente a nomenclatura.

Assim, utilizarei o termo famílias recompostas, que relata o fato ocorrido sem qualificá-lo, além da reflexão acima percebi através das leituras que no Brasil a incidência desse nome na literatura especializada é bem mais utilizado. Os autores citam diferentes tipologias das famílias recompostas: a) famílias com adultos divorciados e um têm filhos. b) ambos têm. c) divorciado (a) casado com parceira (o) que já vem de uma família reconstituída. d) pai ou mãe se tornam viúvos e recasam logo; sendo essa apontada como a tipologia mais antiga de família recasada. (CERVENY e OLIVEIRA, 2010, MCGOLDRICK e CARTER, 1999).

Acompanhando as estatísticas de aumento dos rompimentos de união como o divórcio, os recasamentos também acontecem em maior índice hoje, mais da metade dos divorciados no Brasil recomeçam uma nova relação (CERVENY E OLIVEIRA, 2010).

Com vasta nomenclatura, poderíamos entender que o conceito de família recomposta incluiria a condição da existência de pelo menos um filho do relacionamento anterior, exclui então casais sem filhos que se recasam; a configuração e relações são muito diferentes quando não há filhos. (PEREIRA & LINARES, 2002; MCGOLDRICK E CARTER, 1999).

Se na contemporaneidade, as famílias recompostas se apresentam de certa forma como uma tipologia representativamente numerosa, elas não se originaram neste momento. As famílias recompostas apesar da grande visibilidade atual já aconteciam no século anterior. As famílias recompostas formadas após viuvez eram muito comuns até a metade do século XX, pois o índice de mortalidade era muito alto no estágio médio da vida devido ao não controle de doenças, infecções e outros. As famílias ficavam sem pai/mãe surgindo a necessidade de um novo e rápido casamento, para suprir necessidades do cuidar/educar e prover financeiramente a ordem doméstica, assim não era incomum o casamento do viúvo com a irmã da falecida, a ex-cunhada.(TURKENICZ, 2011).

Retornando ao termo conceitual de famílias recompostas, estas contam com uma explicação que desliza pelo conceito de perda, de dissolução e reorganização para o novo casal, assim poderíamos pensar momentaneamente, em reconstituição, a explicação é cabível

aos dois termos, pois o recasamento também há esse processo. Se recorrermos a Freud (1915) citado por Pereira & Linares (2002) perceberemos que após a primeira união ser desfeita, há um processo de luto que poderá cessar ao se inaugurar uma nova união. Todo processo de quebra, de separação é uma perda, um luto a ser elaborado. Porém, um recasamento decorrente de uma separação é diferenciada de sofrimento de uma decorrente de luto:

Mas em termos de dor, o luto, é necessário diferenciar, uma das outras, porque nem todas têm igual importância e a reação emocional que produzem. Uma reação emocional suficiente para prejudicar a nossa saúde só ocorre após perdas significativas, aquelas que têm um significado importante em nossas vidas, [...] de maior impacto. PEREIRA e LINARES, 2002, p.2.

Elaboro, seguindo a condição de perda acima ou outro motivo, o processo de separação, afinal ele também implica nesse processo de 2ª união. Reflito que essa condição processual de perda, separação e nova união, é bastante delicada na sua carga emocional e influenciará mudanças nos alunos, nos sentimentos dos pais e envolvidos.

Temos na literatura a análise do momento da separação e o enfrentamento da família, alguns autores são categóricos quando relatam que os transtornos vivenciados pelas famílias durante uma separação conjugal mal conduzida irão afetar o desempenho escolar da criança, como o índice de separação é alto, sugerem que em qualquer classe de qualquer idade teremos alunos envolvidos em tal processo e que os professores deveriam refletir sobre essa condição do seu aluno.

Segundo Collins & McCaffrey, (1999):

[...] a maioria dos professores vai deparar, de vez em quando com alunos em pleno processo de separação, estes podem levar anos para superar e resolver questões envolvidas e, é muito importante que as pessoas não subestimem o que estas crianças/adolescentes/alunos estão vivendo. p.48

Na condição de filhos pode ser angustiante presenciar a separação do par ao qual nutrem afetos prazerosos. Nesta parte inicial, na separação, os pais precisam deixar claro que o rompimento, o afastamento que não se traduzirá em abandono do filho e que assim o façam.

Segundo Féres-Carneiro (1998) o importante, no processo de divórcio, é deixar os filhos fora do conflito conjugal. Ressalta que quem se separa é o par amoroso, o casal conjugal, sendo que o casal parental deveria continuar para sempre com as funções de cuidar, de proteger e de prover as necessidades materiais e afetivas dos filhos, e que é de extrema importância que isto possa ficar claro para eles.

Aqui vale entender o conceito de afeto, pois muitos casais podem ter brigas e desentendimentos constantes e manter esse relacionamento. Numa leitura da teoria Psicanalítica o afeto não se encontra apenas no campo do carinho, do entendimento pacífico, acolhedor; tem uma concepção contrária às crenças do senso comum, de apenas incluir o sentido prazeroso. Segundo Ornellas (2005) essa concepção é bem mais ampla:

É um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções e sentimentos acompanhados, em certa medida, da impressão de dor ou prazer, da satisfação ou insatisfação, do agrado ou desagradado, da alegria ou da tristeza. p. 233.

Nesse conceito a qualidade do vínculo (prazer ou desprazer) nutririam a reconciliação ou a possibilidade de novos encontros entre o casal que já se encontrava separados.

Portanto discutir sobre recasamento requer muitas vezes uma análise ampla do processo de separação, visto que para a nova família que se forma há muitas implicações da primeira. Tentarei a seguir discutir algumas fases da separação, para ilustração e entendimento resumo-os a seguir, no que for peculiar ao trabalho proposto.

Como primeiro elemento temos, o que os autores chamam de *casamento conturbado*, dependendo da idade dos filhos em questão a percepção é diferenciada, mas muitos serão testemunhas de agressão física ou psicológica entre os pais, pode haver uma conspiração de silêncio, alguns pais ainda tem dificuldade de admitir que a união passe por dificuldades. (ALSOP E McCAFFREY, 1999).

Na escola o professor pode ter a oportunidade de abrir o canal de comunicação, para que o aluno possa revelar suas preocupações, que de certa forma, modificaram seu comportamento ou rendimento cognitivo, autores dizem (PORTELLA E FRANCESCHINI, 2011) que isso ocorrerá se o aluno perceber que o professor é um adulto em que ele confia, onde poderá compartilhar questões de sofrimento psíquico; o que na Psicanálise chamamos de transferência positiva.

Segundo Ornellas (2011) é fundante a compreensão desse constructo, não só entender as relações que acontecem no espaço educacional, mas para compreensão de inúmeros trabalhos de investimento científicos, assim como relatado no parágrafo acima pensamos a transferência ocorrendo entre os pares: professor e aluno:

Esses sujeitos transferem entre si afetos prazerosos e desprazerosos, estes, se bem trabalhados, podem contribuir para a análise das formas e cores

desenhadas nos pergaminhos do projeto pedagógico. É possível dizer, também, que esta temática revela a urdidura em que a transferência pode enodar o cotidiano escolar. [...] Transferência é uma palavra de origem latina, composta pelo prefixo *trans*, que quer dizer *além de* e pelo verbo *ferre*, que significa levar e trazer ou transportar e suportar. p.47

Reintegrando o tema separação que integra o processo de recasamento, reflito que quando um aluno na sua fragilidade sentimental pela ruptura do relacionamento amoroso dos pais pode recorrer a figura do professor em busca de algo que de certa forma apazigue sua angústia, na constância, como diz Lopes (2001) de que o outro preencha suas faltas.

Para entendermos transferência no ambiente educacional, recordamos que segundo Ornellas, 2013:

A escola é como uma extensão da família que reedita os processos minéricos e psíquicos do aluno para reviver o afeto estabelecido na relação original, transferidas para a relação com o professor e que se bem manejadas podem servir de mediadoras do conhecimento. p.25.

Na situação de figuras de autoridade (ou que deveriam) os professores podem “lembrar” um pouco os pais e inconscientemente os alunos podem depositar nestes alguns sentimentos de diferentes afetos, por isso a autora fala do manejo da transferência. Isto é, o professor pensar o porquê das atitudes e situações que envolvem o comportamento do aluno para poder atuar neste espaço da sala de aula que não é só físico.

Nessa linha de ações seria sugestivo que o professor retribuía essa confiança depositada e guarde sigilo da situação delicada do aluno (contra transferência). Sem dúvida nenhuma seria, entre tantos, um momento da escuta, de escuta sensível para uma situação muitas vezes complexa para o aluno. Uma escuta que acolhe e desnuda uma realidade que coaduna com expressões comportamentais de alguns alunos.

Esses fatos podem causar confusão no entendimento do que ocorre, em alguns casos filhos tem problemas com ansiedade, a hora das visitas podem ser marcadas por encontro hostis com um os pais, com crianças pequenas o cuidado deve ser otimizado, pois os adultos podem estar com outras preocupações financeiras de moradia e não oferecer apoio aos filhos. Na sequencia (não tão linear) podem vir as providências legais, e da forma como o casal conduz esse momento também é importante par aos filhos, a delimitação dos aspectos financeiros, horários marcados para visitação, e outros. (ALSOP & McCAFFREY, 1999). Enfim, o processo de dissolução do casal oferece consequências não só para os adultos envolvidos, as crianças muitas vezes sem repertorio de suporte e entendimento acabam

reverberando seus conflitos não só no próprio contexto familiar como na escola, alertando das singularidades de cada núcleo familiar, aonde a situação de dissolução também pode reverberar em menos sofrimento, quando o casal vive em constante conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre recomposição familiar/ recasamentos, e tecer um trabalho a respeito já nos aponta mudanças no quadro sobre estudos de família na contemporaneidade, pois o fenômeno já sugere sua marca na atualidade, isto é, as famílias recompostas, com seus padrastos/madrastas, já possuem visibilidade expressiva na sociedade. Entende-las através de pesquisas é um caminho, visto que no início do século essas diferenciações familiares eram colocadas à margem social e moral, frágeis frente à ideia de modelo único e até ditas “normais” de família.

O par conjugal se separava e se mantinha em silêncio frente à sociedade, pois as desquitadas (os) não eram vistos com “bons olhos”, na dissolução dos laços primeiros, hoje tem nas segundas (e outras) uniões arranjos já aceitos parcialmente pela sociedade. Algumas instituições já não a julgam como periféricos e/ou modelo disfuncionais, entendem o processo social e se modernizam diante dos aspectos familiares contemporâneos entendendo que uma pessoa pode contrair um novo matrimônio quando divorciado ou viúvo, formando uma família legitimada.

A escola, como instituição também social de ampla importância para educação formal, pode atuar na compreensão desse processo que faz parte da realidade familiar de alguns alunos, com diferentes arranjos, estrutura e funcionamento familiar, incluso o recasamento. Registra em seus Planos Políticos Pedagógicos o compromisso de uma educação que contemple aspectos de uma educação de forma *global*, na constituição de um sujeito bio-psico-social, porém encontramos poucos exemplos práticos que justifiquem tal premissa, percebendo que no caso do processo de recasamento a simples utilização da escuta, dentro do conceito psicanalítico, não ocorre.

O debate não está suspenso, podemos concluir que as famílias nas suas diversidades já frequentam a escola, a democracia bate a porta da escola, resta saber qual reação desta. Reflito com Ornellas e Radel (2010) que quando a escola na sua estrutura exclui diferenças sejam comportamentais/gênero/raça/ mesmo que em ideologia e pensamento, pode não

aperfeiçoar o processo de aprendizagem e sim praticar a violência social/psicológica nesse processo de exclusão. Na inclusão de diferenças, podemos estender ao debate (pelo menos o início) dos diferentes arranjos familiares.

REFERÊNCIAS

ALSOP, P.; McCAFFREY, T. **Transtornos Emocionais na Escola**. São Paulo: Summus, 1999.

BITTELBRUNN, E. **Paternidade solitária. Limites e possibilidades**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Salvador, 2008.

BRUSCHINI, C. Teoria Crítica da família. In: Azevedo, M. A. e Guerra, V. N. **Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2000.

CECCARRELI, E. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n 72, p. 89-102, jun. 2007.

CERVENY, C.M.O.; OLIVEIRA, A. L. **Irmãos, meio irmãos e coirmãos. A dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Curitiba: Juruá Editora, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicologia: reflexão e Crítica*, v.11, n.2, 1998.

FINARDI, J.; LIMA, F. S. **Educação: a escola e as novas configurações familiares**. Disponível em: <http://www.abdcmaior.com.br> consultado em fevereiro de 2012.

FRIEDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. **Teorias da Personalidade. Da teoria clássica á pesquisa moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

JACQUET, C. COSTA, L.F. (orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

LOPES, E. M. T. **A Psicanálise escuta a educação**. 2ª Ed., Belo Horizonte: Autentica 2001.

ORNELLAS, M. L. S. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____ (Org.). **Psicanálise e Educação: (im)passes subjetivos contemporâneos**. vol.II. Belo Horizonte: 2013.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; RADEL, Daniela (Orgs.). **Violência na escola: grito e silêncio**. Salvador: EDUFBA, 2010.

PEREIRA, R; LINARES, J. **Famílias reconstituídas: la perdida como punto de partida**. Disponível em: <http://www.redsistemica.com.ar> consultado em maio de 2012.

PORTELLA, F. O. & FRANCESCHINI, I. S. **Família e Aprendizagem uma relação necessária**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.p. 5-11.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.(orgs). **Família e Parentalidade. Olhares da Psicologia e da História**. Curitiba: Juruá, 2011.

TEPERMAN, D.W. **Família, parentalidade e época. Um estudo psicanalítico**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2014.

TURKENICZ, A. Famílias ocidentais no século XX. *In*: PORTELLA, F. O. & FRANCESCHINI, I. S. **Família e Aprendizagem uma relação necessária**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.p. 11-36.

WATARAI, F. **Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.